

AS LIÇÕES DA HISTÓRIA DE ISRAEL (SL 78)

Alzir Sales Coimbra

Ainda que esteja, de certo modo, relacionado com os Salmos 105,106 e com Deuterônimo 32, o Salmo 78 trata a história de Israel de modo diverso. É “uma descrição da história já corrente na comunidade à qual o salmo se endereça (v. 1: *povo meu*), e que provavelmente se associa à apresentação da história da salvação na celebração do culto (v.3.17...)”.¹

Em seu livro, Schökel-Carnitti apontam para algumas coordenadas que servem de balizas na leitura deste salmo. A coordenada temporal é a tradição, que faz a memória remontar ao passado. Já a coordenada espacial assinala três espaços: na terra, no deserto, no Egito, outra vez na terra, atingindo seu ápice no monte Sião, sem deixar de lado o santuário de Silo.²

Assim, o Salmo 78 “é um resumo dos livros do Êxodo e Números, sempre temperado com a reclamação, dúvida e infidelidade do povo. Esses versículos viajam do Egito ao deserto, para voltar novamente ao Egito”.³ O salmo dá uma ênfase ao aspecto da memória, quer ressaltando sua ausência em Israel, quer mencionando o recordar-se de Deus (v. 39). Nesse caso, de fato, “este salmo é um memorial contra os desmemoriados”.⁴

Outro elemento bem lembrado por Schökel-Carnitti é a ênfase atribuída aos pecados de Israel: “o salmo reconta mais os pecados do povo do que as façanhas do seu Deus”⁵, sendo que predominam, no salmo, o pecado da desconfiança em Deus e o ato de tentá-lo, depois de todas as maravilhas que Deus havia realizado em favor de Israel. Nesse contexto, a tradução da palavra *hidot* por *enigmas* seria menos acertada do que por *paradoxos*, uma vez que “em presença de tantos prodígios de Deus, não é paradoxal a desconfiança do povo? Depois de tantos benefícios, não é paradoxal a rebeldia?”⁶

O elemento da parábola (v. 2: *maxal*) ou comparação estaria relacionado com a imagem do pastor que cuida de seu rebanho, como no Sl 23, o que parece justificar os verbos próprios ou freqüentes do ofício *ra'ah pastar* (v. 71) *nahah guiar* (v. 14.53.72), *nahag conduzir* (v. 52) *bo' entrar* (v. 54).⁷

* Alzir Sales Coimbra – Doutorando em Ciências da Religião pela UMESP

1. WEISER, A. *Os Salmos*, p. 407.

2. SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITTI, Cecília. *Salmos II*, p. 1003.

3. BORTOLINI, José. *Conhecer e Rezar os Salmos*, p. 327.

4. ALONSO SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITI, Cecília. *Salmos II*, p. 1003.

5. *Ibid.*, p.1004.

6. *Ibid.*, p.1006.

7. Cf. *ibid.*, p.1007.

O Sl 78 é um salmo longo (o segundo em extensão no Saltério), mas é estruturado de modo muito interessante. Seu estudo demanda calma e paciência. Tendo por base o texto hebraico, na Parte I, abordaremos o(s) gênero(s) literário(s), a situação vivencial e a provável datação do Salmo. Depois, apresentaremos duas propostas para a estruturação do salmo e a nossa pessoal (Parte II). Na Parte III, daremos uma tradução pessoal com algumas observações textuais e um breve comentário em blocos, seguindo a estrutura proposta.

1. Gênero literário, situação vivencial e datação

Não é fácil enquadrar o Salmo 78 num determinado gênero literário. Nem é possível. Entretanto, Kraus tentou delinear elementos de vários gêneros presentes no salmo⁸. Segundo ele, pelo conteúdo, seria um salmo histórico. “Os salmos históricos supõem o povo reunido para celebrar e conservar a memória. Nasceram para que as pessoas aprendam com os conflitos do passado, a fim de serem mais felizes no presente e no futuro”⁹. Por sua vez, os versos 1-2 constituem um poema sapiencial. O verso 4 apresenta elementos hínicos, introduzindo as grandes ações salvíficas de Javé. Com o termo Torah, os versos 5-11 podem ser considerados uma exortação com advertências quanto à obediência a Javé e à necessidade de se lembrar sempre as suas maravilhas. Os versos 12-16 apresentam elementos de influência deuteronomista. Para Kraus, o salmo, como um todo, é de natureza didática, contendo ensinamentos sobre a história israelita. Pertenceria, portanto, ao grupo dos poemas didáticos, pois, este salmo recolhe, seleciona e combina tradições já existentes. A ação salvífica de Javé e a Torah são vistas como uma promessa e uma interpretação para o presente.¹⁰ Segundo Nasuti, a opinião mais comum é que o salmo tem uma forma mista que foi, de modo consciente, criada para se adequar a uma particular finalidade didática¹¹ (tradução do autor). Pode-se acrescentar ainda que, pela forma e pelo conteúdo, o Salmo 78 tem afinidade com a pregação levítica presente na obra histórica do Cronista¹², mas distancia-se dela quanto à forma poética.¹³ Para Weiser, a situação vivencial do Salmo 78 seria uma festa cúltica, na qual se faria a exposição didática sobre a história, ainda que não se possa determinar que festa seria essa e de que fase do culto trataria.¹⁴ Considerando-se a pos-

8. KRAUS, H.– Joachim. *Los Salmos*, p. 187.

9. BORTOLINI, José. *Conhecer e Rezar os Salmos*, p. 328.

10. Cf. EICHHORN, D. *Gott als Fels, Burg und Zuflucht*, 1972, p. 67. Citado por Hans-Joachim KRAUS, op. cit., p. 187.

11. Cf. NASUTI, Harry Peter. *Tradition history and the psalms of Asaph*, p. 82.

12. Segundo a obra do Cronista, ao contrário do reino ateu do norte, o reino de Judá, com a dinastia davídica e o templo de Jerusalém, é apresentado como o verdadeiro Israel e o depositário da soberania divina, realizada no reino davídico. Sua herdeira legítima não é a comunidade samaritana que estava então se formando, mas a comunidade cultural de Jerusalém, depois de sua volta do exílio, a comunidade que preserva e continua essa tradição. O Cronista aparece como o autor do conjunto justamente pela unidade da linguagem, do estilo e do método de trabalho, como também pelo universo de suas idéias sempre iguais e que gravitam em torno do Templo, do culto, da lei do instituto dos levitas e da dinastia davídica. O Cronista escolheu das fontes aqueles pontos que levam a atenção a se fixar sobre os preparativos para a construção do templo, como também aquilo que nos mostra Davi como um rei triunfante e poderoso.

13. Cf. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*, p. 188.

14. Cf. *Ibid.*, p. 188.

sibilidade de tal *Sitz im Leben*, pode-se imaginar o cantor ou o sacerdote (levita) dirigindo-se à comunidade reunida e chamando-a de “meu povo”, como o mestre da sabedoria chamaria seu discípulo de “meu filho”. A seguir, o mestre e cantor apresentaria os temas da história salvífica recebidos da tradição oral (v. 3s.6). O Salmo 78 estaria, pois, enraizado na tradição de Sião (v. 65-72).¹⁵ A denominação divina, *'elyon Altíssimo*, procede da tradição cultural de Jerusalém, fazendo parte da terminologia deste salmo, que, por sua teologia da história, apresenta afinidade com o círculo deuteronomista.¹⁶

Entretanto, não se pode afirmar que o autor tenha participado da reforma de Josias. Pode estar mais próximo dos círculos literários da história das Crônicas, visto que acentua a eleição de Sião e de Davi em contraposição às pretensões do Israel do Norte.¹⁷ Anthony Campbell¹⁸ notou evidências de redação tardia deuteronomista nos versos 5-8.10.37.56b.58, embora isso não venha perturbar a estrutura do salmo. Mas Nasuti se interessou pela tradição histórica do salmo, não por uma específica localização na história. Seu objetivo foi determinar os círculos da tradição responsáveis por este salmo.¹⁹ Para isso, partindo de uma abordagem dos elementos lingüísticos²⁰ do Salmo 78 e de um exame do significado de sua tradição histórica, inseriu essa composição na corrente efraimita.

Quanto à datação, há muita divergência na tentativa de situar historicamente o salmo. As opiniões não são unânimes: vão do período davídico ao pós-exílico.²¹ Observando-se o salmo, nota-se que o reinado de Davi é o ponto de chegada das reflexões históricas do salmista²². Por isso, Eissfeld, que segue uma datação mais remota, notou que a retrospectiva da história de Israel chega até Davi ou Salomão (o v. 69 provavelmente se refere ao Templo). Não há referência à divisão do reino no ano 930 aC, e poder-se-ia afirmar que, no momento em que este salmo era composto, tal divisão provavelmente não tinha ainda acontecido. Logo, o tempo em torno de 930 aC pode ser o *terminus ad quem* para a sua redação.²³ Contudo, Kraus parece concluir que a conexão entre a concepção deuteronomista de história e a poesia sapiencial sugere uma datação posterior ao exílio²⁴ (tradução do autor).

15. Cf. *ibid.*, p. 188.

16. Cf. *ibid.*, p.188.189, onde se sugere cf. H. JUNKER, Die Entstehungszeit des Ps 78 und das Deuteronomium: *Bibl* 34 (1953) 493.

17. Cf. KRAUS, Hans-Joachim. *Op. cit.*, p. 189.

18. Cf. CAMPBELL, A. Psalm 78: A Contribution to the Theology of Tenth Century Israel. *CBQ* 41 (1979) 52. Citado por NASUTI, H. P. *Tradition history and the psalms of Asaph*, p. 82.

19. Cf. Harry Peter NASUTI, *op. cit.*, p. 82.

20. À guisa de exemplo, termos com *ned paredão* (cf. Js 3,13.16), *sur rocha* (cf. Dt 8,15).

21. Cf. NASUTI, Harry Peter. *Op. cit.*, p. 82.

22. Cf. BORTOLINI, José. *Conhecer e Rezar os Salmos*, p. 327, para quem o salmo não é, entretanto, do tempo de Davi, mas posterior, pois dá a entender que existem dois reinos: do Norte (Efraim, José, v. 9.67), e do Sul (Judá, o Templo, Jerusalém, v. 68-69).

23. Cf. EISSFELD, O. *Das Lied Moses Dt 32,1-43 und das Lehrgedicht Asaphs Ps 78* (1958], p. 36. Citado por KRAUS, Hans-Joachim. *Op. cit.*, p. 189.

24. KRAUS, Hans-Joachim. *Op. cit.*, p. 189.

Outras possíveis datações: a) período das lutas pelo restabelecimento do santuário dos samaritanos, quando teria havido a necessidade de referência a acontecimentos fundamentais presentes no cânon da história da salvação; b) o acento deuteronomista é pode ser um dos indícios para uma datação. Resta lembrar que, em Qumran, no *Manual de Disciplina*, há textos que falam da recapitulação da história da salvação como elemento importante na solene celebração da Aliança.²⁵

2. Propostas de estrutura

A estrutura de Jesus M. Muñoz, apresentada por Schökel-Carnitti²⁶, parece-nos, em parte, bastante interessante, mas considerar os versos 59-72 como um único bloco generaliza demais e não deixa perceber que, no verso 65, começa algo totalmente novo. Por outro lado, a estrutura proposta por Kraus²⁷ tem a vantagem de ajudar a perceber, de início, não apenas o conteúdo global do salmo, mas também algumas características formais do mesmo, que, com o tema da eleição de Sião e de Davi, atinge seu ápice no último bloco. Mas, como observaram Schökel-Carnitti, a introdução vai até o verso 8 e não o 11, como propõe Kraus, que considera o verso 9 uma glosa do verso anterior²⁸. Entretanto, podemos também considerar os versos 9-11 uma introdução da exposição histórica: Efraim é colocado em cena como “magno representante da atitude condenada antes: são eles por antonomásia a geração que se esqueceu e que não guarda a lei nem a aliança.”²⁹ Nossa proposta abaixo é uma mediação entre as duas estruturas mencionadas.

Epígrafe (v. 1a): *Maskîl*. De Asaf

Introdução (v. 1b-8):

1b-2: Poema sapiencial

3-4ab: Tradição da história da salvação de Israel

4cd-6: Conteúdo da tradição

7-8: Finalidade da tradição

25. Cf. *ibid.*, p. 190.

26. Cf. MUÑOZ, Jesus M. *Studio sobre el salmo 78*, que apresenta a seguinte divisão: 1-8; 9-12; 13-16; 17-20; 21-31; 32-39; 40-43; 44-55; 56-58; 59-72. Citado por SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITTI, Cecília. *O.p. cit.*, p. 1002.

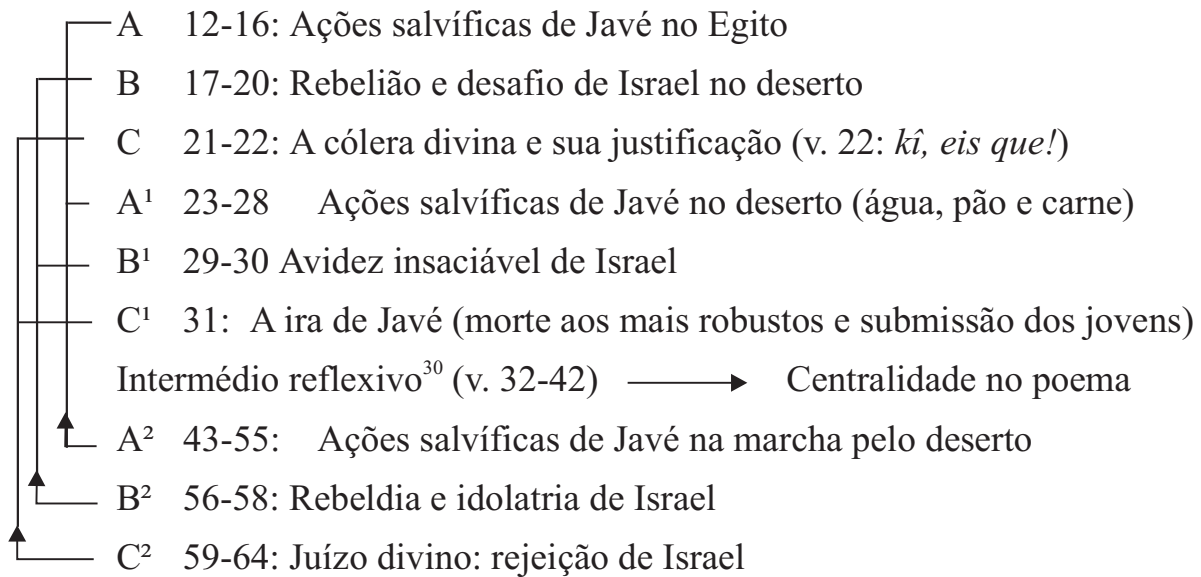
27. Divisão de KRAUS: 1-11; 12-31; 32-41; 42-53; 54-64; 65-72. Cf. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*, p. 188. Observe-se, porém, que há um erro de numeração na última parte de sua estrutura. Creio que se deva ler “v. 65-72” e não “v. 62-72”).

28. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*, p. 185.

29. Cf. SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITI, Cecília. *O.p. cit.*, p. 1009.

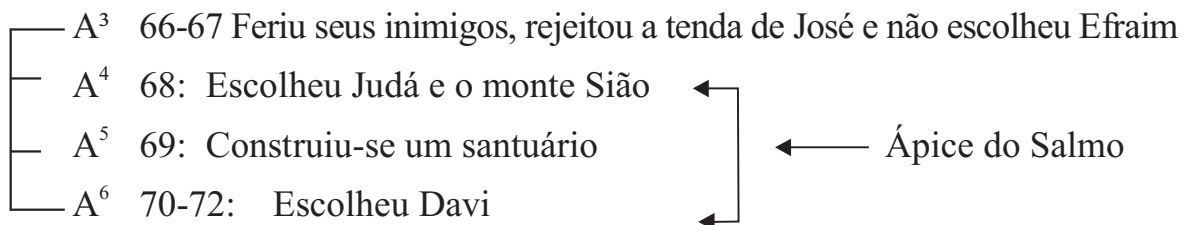
Parte I (v. 9-64): Ações salvíficas de Javé, infidelidades de Israel e juízo divino

9-11: Elemento introdutório: Efraim com sua rebeldia e esquecimento



Parte II (v. 65-72): Novas e decisivas ações de Javé

65: Elemento introdutório: Javé se desperta do sono qual guerreiro animado pelo vinho.



III. Tradução³¹ e breve comentário

Versos 1-8: Epígrafe e Introdução

1 *Maskil. De Asaf.*

Ouve, meu povo, meu ensinamento³², inclinaí vosso ouvido às palavras de minha boca.

2 *Abrirei minha boca em provérbio, exporei enigmas de antigamente.*

30. Cf. SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITI, Cecilia. Op. cit., p.1012, mas entendemos que o tom reflexivo se estenda até o v. 42.

31. Para este comentário, colocamos, na tradução, entre colchetes, as palavras que não se encontram no hebraico.

32. Neste verso, *torah* significa “ensinamento” na acepção da corrente sapiencial.

- 3 *O que ouvimos e conhecemos*³³, *o que nossos pais nos contaram,*
 4 *não esconderemos a seus filhos, à geração vindoura contaremos: os louvores de*
Javé e sua valentia, e as maravilhas que fez.
 5 *Estabeleceu um testemunho*³⁴ *em Jacó e uma lei*³⁵ *dispôs em Israel, e ordenou a*
nossos pais, que as inculcassem em seus filhos,
 6 *para que [as] conhecessem, [a] geração seguinte, os filhos [que] nasceriam;*
*que sucedessem*³⁶ *e proclamassem*³⁷ *a seus filhos,*
 7 *que pusessem em Deus*³⁸ *sua confiança e não se esquecessem das façanhas de*
Deus e que observassem seus mandatos.
 8 *Que não fossem como seus pais, geração incorrigível e rebelde, geração de*
*coração inconstante*³⁹, *de espírito infiel*⁴⁰ *a Deus.*

Verso 1a: Epígrafe: Maskil. De Asaf. *maskil* é um particípio hifil do verbo *skl* “entender”, “acertar”. O particípio (“maestria”?) ocorre 13 vezes nos títulos de salmos. Pode designar um tipo de canto.⁴¹

Versos 1b-2: Trata-se de um poema sapiencial. O verso 1b apresenta uma fórmula para início de ensinamento (conforme Pr 3,1; 4,2). O salmista chama seu ensinamento de “minha *torah*. Mas a *torah* do v. 1 não é a mesma dos versos 5.10, que é de Javé, como ocorre em escritos antigos e na literatura deuteronomista.⁴² *bemaxal* é “sentença”, enquanto que *hidot* são “enigmas”. O Salmo 78 é um poema “que encerra realidades misteriosas.”⁴³ É uma alusão aos mistérios do tratado didático-poético. Não há doutrina nova, mas se recolhem os ensinamentos transmitidos pelos antepassados. Não só isso. Ressalta-se que estas tradições revelam um mistério predefinido. O cantor quer revelar uma face escondida dessas tradições históricas.⁴⁴ A sabedoria tradicional *hokmah* preocupava-se em mostrar os encantos da criação. Já o Salmo 78 situa-se na tradição de louvor que é devido às façanhas de Javé na história da salvação.

33. É desnecessário traduzir o sufixo de 3^a. pessoa do plural.

34. Aqui, ‘*edut*, “testemunho”, pode significar também norma, compromisso, obrigação.

35. Aqui *torah* é entendida no sentido técnico de Lei.

36. Cf. SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITI, Cecília. *Op. cit.*, p. 1009, que interpretam, aqui, o verbo *qum* como usado para significar a sucessão física dos filhos que nascem. Esta parece ser a interpretação mais coerente com o contexto de sucessão de gerações (cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *Diccionario Bíblico Hebreo/Español*, p. 654).

37. Em português, o verbo “proclamar” expressa melhor o piel *sapar*. Observe-se que, no verso 6, o verbo não tem complemento direto, ainda que os comentaristas o suponham.

38. Parece-nos desnecessária a substituição que Kraus faz de Deus por Javé.

39. O verbo *kun* no hifil acompanhado de *leb* indica estar disposto, ser constante.

40. O perfeito nifal do verbo *aman* significa “ser fiel”, “ser firme”.

41. Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *Diccionario Bíblico Hebreo-Español*, p. 461.

42. Cf. WEISER, A. *Os Salmos*, p. 191.

43. *Ibid.*, p. 191.

44. Cf. *ibid.*, p. 191.

Versos 3-4: Estes versos mostram o caráter tradicional da transmissão da história salvífica de Israel.

Versos 5-11: Aparecem dois conceitos fundamentais: *torah* (v. 5.10:ensinamento) e *berit* (v. 10: pacto, aliança). São conceitos relevantes para a tradição sinaítica. A tradição histórico-salvífica do AT se apóia, via de regra, no credo histórico da salvação (Dt 26,5b-9; 6,20-24), prescindindo dos eventos sinaíticos. Entretanto, o Salmo 78 mostra seu lado deuteronômístico ao estabelecer uma correlação entre a *torah* e a história; tal correlação “domina toda a concepção histórica dessa escola”.⁴⁵

Na história deuteronômista, a Lei precede a grandiosa apresentação da história. Sobre a base da *berit* e da *torah*, o Deuteronômista faz a proclamação atual da história, com seus ensinamentos e exortações dirigidos às gerações presente e futura. Segundo Kraus, essa transmissão tem suas raízes na *proclamação levítica didática*⁴⁶ (tradução do autor). Para o referido autor, nos versos 5.10, *torah* é sinônimo de ‘*edut* “norma”, “testemunho” e de *berit*, “pacto”. A *torah* que Javé estabelece em Israel (v. 3) é seu pacto (v. 10). Na história deuteronômista, as duas obrigações (ordem de salvação e obediência) se entrelaçam. Se de um lado, Javé demonstra a realização de sua *berit* na história, por meio de suas “façanhas” (v. 7), de outro, Israel mostra-se impenitente e rebelde diante da *torah* e dos mandamentos. No v. 8, está presente a doutrina: a geração presente não deve desafiar Javé como fizeram seus pais, nem desprezar suas maravilhas, nem romper seu pacto.

Versos 9-11: Elemento introdutório: Efraim com sua rebeldia e esquecimento

9 *Os efraimitas, armados [como] arqueiros*⁴⁷, recuaram no dia da batalha.

10 *Não guardaram a aliança de Deus e recusaram andar em seu ensinamento.*

11 *Esqueceram-se de suas façanhas e das maravilhas que lhes mostrara.*

Aqui começa algo de novo, com vocabulário mais específico (filhos de Efraim, armados, arco, recuar, batalha). Há autores que consideram o verso 9 deslocado do contexto. Prefiro mantê-lo onde está, como um gancho para o relato paradoxal entre as ações salvíficas de Javé e a rebeldia de Israel. De fato, a seqüência aponta para o pecado de Israel: descumprimento do protocolo da aliança (v. 10) e recusa em obedecer à Tora. Portanto, os versos 9-11 dão início à apresentação da história salvífica, ressaltando a desobediência dos efraimitas. Quanto ao verso 9, “não se deve pensar na ruína do Reino do Norte, mas no *dia do combate* nos montes de Gelboé, onde Saul encontrou a morte (1Sm 31; conforme 1Sm 15), fato que provocou a passagem da realeza e, conse-

45. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*, p. 192.

46. Cf. *Ibid.*, p. 192.

47. O verso parece corrompido e seu sentido não soa claro. As traduções divergem: SCHÖKEL-CARNITI: “Os arqueiros da tribo de Efraim”; A. WEISER: “Os filhos de Efraim, arqueiros equipados”; KRAUS: “Los efraimitas, armados como arqueiros”; BJ Paulus: “Os filhos de Efraim, arqueiros equipados”; ALMEIDA: “Os filhos de Efraim, embora armados de[*sic*]arco”.

qüentemente, da condução da aliança de Javé de Saul para Davi...”⁴⁸ Esta seção já aponta para o ápice do salmo (v. [66-67] 68-72).

Versos 12-16: As ações salvíficas de Javé no Egito

- 12 *Á vista de seus pais fez maravilha, na terra do Egito, [na] campina de Soã*⁴⁹.
13 *Fendeu [o] mar e os fez atravessar; barrou*⁵⁰ *[as] águas como um dique*⁵¹.
14 *Guiou-os, de dia, com [a] nuvem, toda a noite com [o] resplendor de fogo.*
15 *Fendeu rochas no deserto e deu de beber como águas primordiais.*
16 *Fez brotar torrentes de pedra e fez descer águas como rios.*

Verso 12: Começa a exposição histórica propriamente dita. Aquela exortação, enfatizada no verso 8, é marcada pela referência aos pais. O verso 12 retoma o tema das “maravilhas”, iniciado no verso 4b. Maravilha significa proeza que causa assombro e estremecimento, a execução do que é absolutamente impossível.⁵² A “campina de Soã” não é citada na tradição do Êxodo. Nesse caso, o Salmo 78 utilizou uma tradição ausente no do Pentateuco.⁵³

Versos 13-16: Quanto ao verbo *baqa* ‘ (v. 13.15), “dividir”, “fender” ele ressalta a soberania da ação de Javé.

“... o mar Vermelho ergue-se num dique, a penha abre-se em manancial. O Senhor domina os elementos e maneja-os com generosidade. A nuvem (água) e o fogo servem de mediadores para guiar continuamente seu povo, de dia e de noite, sem cessar. Água como dique e rocha como fonte: o contraste exalta a maravilha. Não resta resquício para a dúvida; no espaço e no tempo nada subtrai ao poder benéfico de Deus”.⁵⁴

Versos 17-20: Rebelião e desafio de Israel no deserto

- 17 *Mas, continuaram*⁵⁵ *pecando contra ele, desafiando*⁵⁶, *no ermo, [o] Altíssimo.*
18 *Em seu coração tentaram a Deus, pedindo comida para seu apetite.*

48. WEISER, A. *Os Salmos*, p. 408.

49. O locativo *Soã* equivale a Tânis, no Egito, a uns 20km ao norte de Ramsés (Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *Diccionario Bíblico Hebreo-Español*, p. 890).

50. O imperfeito *hifil* de *nasab*, pode significar também “sujeitou” (cf. SCHÖKEL, L. Alonso. Op. cit., p. 507).

51. A LXX, Vg, Síms, Targ. leram *nod* “odre” em vez de *ned* “dique”.

52. Cf. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*, p. 193.

53. Cf. *ibid.*, p.193.

54. SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITI, Cecilia. *Salmos II*, p. 1010.

55. O verbo *yasap* seguido da partícula *’od* exprime continuidade de ação (cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *Diccionario Bíblico Hebreo-Español*, p. 322), como também interpreta Weiser (cf. *Os Salmos*, p. 403).

56. Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, op. cit., p. 457.

19 *Falaram contra Deus, disseram: Acaso Deus poderá preparar uma mesa no deserto?*

20 *Certo, golpeou um rochedo, britaram águas, torrentes transbordaram. Poderá inclusive dar pão ou abastecerá de carne seu povo?*

Mas, mesmo diante das proezas operadas por Javé no Egito e no deserto, os israelitas reagem negativamente, “continuando a pecar contra ele” (v. 17). Recorda Klaus que o termo Altíssimo, ‘*elyon*, é uma denominação de Deus enraizada na tradição cultural de Jerusalém e que expressa a soberana perfeição do poder divino⁵⁷ (tradução do autor). O verso 18 menciona a ação de tentar *nasah* a Deus, o que, para Klaus, equivale a duvidar, por meio de desejos provocadores e ambiciosos, da bondade e do perfeito poder de Deus.⁵⁸

Versos 21-22: A cólera divina e sua justificação (v. 22 *ki*)

21 *Por isso⁵⁹, Javé ouviu e ficou irritado, um fogo estourou⁶⁰ contra Jacó e uma*

cólera se levantou contra Israel,

22 *porque não tinham fé em Deus, nem confiavam em sua ajuda.*

Ao desafio e à irritação provocados por Israel, Javé responde com sua cólera semelhante a um fogo que estoura ou estala contra Jacó (v.21). A partícula conjuntiva do verso 22, *ki*, introduz a justificação da cólera de Javé: o povo não tinha fé em Deus nem confiava em sua ajuda. A propósito, enfatiza Klaus que fé e confiança é o que os milagres de Deus querem produzir. O homem precisa apoiar-se firmemente em Deus (‘*aman*) e confiar (*batah*) na ajuda (*yexa*’) de Deus⁶¹ (tradução do autor).

Versos 23-28 Ações salvíficas de Javé no deserto (água, pão e carne)

23 *Ordenou, porém, às nuvens no alto e abriu as comportas do céu.*

24 *Fez chover sobre eles maná para comer e trigo celeste lhes deu.*

25 *Pão de fortes cada um comeu, e lhes mandou víveres com fartura.*

26 *Fez soprar, no céu, [o] vento leste e conduziu, com seu poder, [o] vento sul.*

27 *Fez chover sobre eles carne como pó e como areia marinha voláteis,*

57. Cf. KRAUS, Hans-Joachim. Op. cit., p. 194.

58. Cf. *ibid.*, p.194.

59. Mesmo estando no texto hebraico, os comentaristas preferem omitir esta partícula. Mas ela faz sentido no texto.

60. Cf. SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITI, Cecília. *Salmos II*, p. 996, em que o verbo *nasaq* vem traduzido, erradamente, por “instalar”, em vez de “estalar”, mas a tradução correta é recuperada na p. 1011.

61. Cf. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*, p. 194.

28 *[que] fez cair no meio d e seu acampamento, ao redor de suas moradas.*

Mais ações salvíficas de Javé, fornecendo água, pão e carne para Israel. Para isso, ‘*el-yon* dá ordens às nuvens e abre as comportas do céu (v. 23). No verso 25, há uma referência ao *pão dos fortes*, referindo-se a um alimento milagroso, caído no acampamento das doze tribos, em cujo centro estava a morada de Javé.⁶²

Verso 29-30: Avidez insaciável de Israel

29 *Comeram e se fartaram em demasia e lhes satisfez⁶³ sua avidez.*

30 *Não tinham se distanciado de sua avidez, sua comida ainda estava em sua boca,*

A ação salvífica de Javé torna-se ambivalente: de um lado, todos têm acesso à abundância, de outro, ela pode tornar-se prejudicial, senão mortal (v. 29; conforme v. 31). O verso 30 é uma alusão à passagem de Nm 11,33, com o elemento etiológico *Qibrot-Taavá*, “Sepulcros da Cobiça”.

Verso 31: A ira de Javé (morte aos mais robustos e submissão dos jovens)

31 *[quando] a ira de Deus se levantou contra eles e, dentre eles, abateu os mais gordos⁶⁴ e submeteu os jovens de Israel.*

Mas, por causa da constante cobiça e da avidez de Israel, a cólera de Javé (v. 31) se levantou contra os mais robustos (“gordos”) e contra os jovens de Israel. “A avidez do homem converte o bem em mal.”⁶⁵ A referência aos jovens ocorrerá ainda no verso 63.

Versos 32-42: Intermédio reflexivo⁶⁶ —————> centralidade no poema

32 *Com tudo isso, continuaram pecando, pois, não tinham fé em suas maravilhas.*

33 *Consumiu, no sopro, os seus dias, e os seus anos num momento⁶⁷.*

34 *Quando os destruía, procuravam-no, arrependiam-se e buscavam⁶⁸ a Deus com solicitude.*

35 *Lembravam-se que Deus era sua rocha, que Deus Altíssimo, seu redentor.*

62. Cf. *ibid.*, p. 195.

63. O hifil de *bo`*, pode ter valor temporal, exprimindo a idéia de acontecer, cumprir, satisfazer (cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *Diccionario Bíblico Hebreo-Español*, p. 107).

64. O substantivo *mixman* significa “gordura”, “robustez”.

65. SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITI, Cecília. *Salmos II*, p. 1011.

66. Como já dissemos atrás, o tom reflexivo se estende até o verso 42, fazendo inclusão de contraste com o verso 35: “lembrar-se” / “não lembrar-se”.

67. A expressão *babehalah* pode ser traduzida por “num momento”.

68. Cf. SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITI, Cecília. *Op. cit.*, p. 1012, onde se traduz o v. 34b por: “madrugavam para voltar-se a Deus”.

- 38 *Mas ele [era] compassivo, perdoava [o] pecado e não aniquilava*⁶⁹.
*Continuamente*⁷⁰, *aplacava*⁷¹ *sua cólera e não atiçava todo o seu furor.*
- 39 *Lembrava-se que eles eram carne, um sopro que vai e não volta.*
- 40 *Quantas vezes se rebelaram no deserto e o irritaram na estepe!*
- 41 *Voltavam e tentavam*⁷² *a Deus e importunavam o Santo de Israel.*
- 42 *Não se lembravam de sua mão, do dia em que os resgatou do opressor*⁷³.

Versos 32-33: A falha do povo foi não ter acreditado nas maravilhas de Javé. O verso 33 pode ser uma alusão à aniquilação da geração do deserto.

Versos 34-35: Aqui pode estar presente a interpretação histórica esquematizadora do deuteronomista, com o uso dos verbos “arrepender-se”, “buscar”, “lembrar-se”.

Versos 36-37: Tratava-se, porém, de um arrependimento passageiro, fingido, sem perseverança e sem fidelidade à aliança *berit*.

Versos 38-39: Javé, porém, é parceiro fiel da Aliança. Sua compaixão leva-o a perdoar Israel, pois sabe de que o homem é feito: carne e sopro.

Versos 40-42: A exclamação de queixa diz respeito à temporada no deserto, quando, na expressão poética de Klaus, o povo esteve sob a sombra escura da cólera de Deus e a permanente tentação contra o Santo de Israel⁷⁴ (tradução do autor). Israel deveria ter-se lembrado das obras divinas de salvação e ter obedecido a Javé. O que não aconteceu!

Versos 43-55: Ações salvíficas de Javé na marcha pelo deserto

- 43 *Quando realizou seus sinais no Egito e seus prodígios na campina de Soã,*
 44 *mudou em sangue seus canais e suas torrentes, para que não bebesses.*
- 45 *Mandou contra eles moscas, para que os picassem, e rã[s], para que os destruísse[m].*
- 46 *Entregou à larva a sua colheita e o resultado de sua fadiga ao gafanhoto.*
- 47 *Destroçou com granizo seu vinhedo e seus sicômoros, com inundação*⁷⁵.

69. O verbo sem complemento (contra a Vulgata) “mantém tom geral porque tenta descrever o caráter de Deus mais do que uma ação determinada” (cf. SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITI, Cecília. Op. cit., p. 1013).

70. A seqüência *wehirbah l...* com infinitivo expressa a idéia de se fazer algo continuamente (Cf. KIRST, Nelson (et alii). *Dicionário Hebraico-Português*, p. 221).

71. O hífil de *bo`* pode significar também “apaciar”, “fazer recuar” (cf. KIRST, Nelson (et alii), op. cit., p. 246).

72. Melhor tradução: “voltavam a tentar”.

73. *sar* da raiz *srr* pode significar “aflição” ou “inimigo”, “adversário”, “opressor”. Daí as opções de tradução.

74. KRAUS, Hans-Jachim. *Los Salmos*, p.196.

75. *hanamal* é um hapax, ocorrendo só no Sl 78,47. Não é fácil determinar-lhe o sentido exato.

- 48 *Entregou à chuva de pedra⁷⁶ o seu gado e aos relâmpagos, seus rebanhos.*
- 49 *Despachou contra eles sua ira inflamada, cólera, indignação e aflição: um envio de mensageiros de desgraças.*
- 50 *Abriu caminho⁷⁷ para a sua ira, a vida deles não preservou da morte, mas entregou sua vida à peste.*
- 51 *Feriu todo primogênito no Egito, as primícias de sua virilidade nas tendas de Cam.*
- 52 *Fez partir qual rebanho o seu povo e como grei os conduziu no deserto.*
- 53 *Guiou-os seguros⁷⁸, não temeram, enquanto o mar cobria seus inimigos.*
- 54 *Fê-los entrar pela santa fronteira, o monte que⁷⁹ sua destra havia adquirido.*
- 55 *De diante deles, expulsou nações, fez-lhes cair por sorte⁸⁰ uma herança, e alojou, em suas tendas, as tribos de Israel.*

Versos 43-51: Da reflexão sobre o esquecimento de Israel (v. 42), o salmista volta à tradição do êxodo. Segundo Kraus, “a expressão didática maneja muito livremente as tradições anteriores.”⁸¹ A partir do verso 44, ele alude às pragas. Trata-se de um resumo, pois, são recolhidas apenas sete, vistas como maravilhas realizadas em favor de Israel: 1) água mudada em sangue (v. 44); 2) as moscas (v. 45a); 3) as rãs (v. 45b); 4) os gafanhotos (v. 46); 5) o granizo que destrói e congela (v. 47); 6) a chuva de pedra com relâmpagos (v. 48); 7) a morte dos primogênitos (v. 51), que é o ponto alto da lista de pragas, preparado cuidadosamente pelos v. 49-50. Os “mensageiros de desgraças” podem aludir ao “Anjo exterminador”. “O autor organizou essas sete pragas para reforçar que Deus é plenamente solidário e fiel.”⁸²

Verso 52-53: Menção à tradição do êxodo e da marcha pelo deserto.

Verso 54-55: Passa-se imediatamente da tradição do êxodo para a tradição de Sião (v. 54). O assentamento no país concentra-se exclusivamente em Sião. Klaus ressalta que a montanha eleita é como que a síntese da terra santa; a terra é *santa* porque Javé tem seu trono no centro dessa terra, em Sião⁸³ (tradução do autor). O milagre desse período foi a expulsão dos antigos moradores e a distribuição justa da terra.

76. Alguns *mss* trazem *deber* “peste”, “epidemia”, em vez de *barad* “com granizo”.

77. Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *Diccionario Bíblico Hebreo-Español*, p. 519, para esta possibilidade de tradução.

78. A forma adverbial *labetah* significa também “seguro” (cf. SCHÖKEL, L. Alonso. Op. cit., p.113).

79. O demonstrativo *zeh* assume aqui uma função do relativo “que” (cf. SCHÖKEL, L. Alonso. Op. cit., p. 216).

80. Lit.: “fez-lhes cair por corda”. “As cordas servem para medir e sortear” (cf. SCHÖKEL, L. Alonso. Op. cit., p. 230).

81. KRAUS, Hans-Joachim. Op. cit., p. 196.

82. BORTOLINI, José. *Conhecer e Rezar os Salmos*, p. 327.

83. Cf. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*, p.197.

Versos 56-58: Rebeldia e idolatria de Israel

56 *Mas, tentaram e desafiaram o Deus Altíssimo e não guardaram suas normas.*

57 *Desertaram e traíram como seus pais, falharam como um arco enganoso.*

58 *Irritaram-no com seus lugares altos e com seus ídolos lhe provocavam ciúmes.*

Versos 56-57: O povo, porém, reage com rebeldia, transgredindo normas do ‘*elohim* ‘*elyon*. . Israel é como um arco que dispara a seta em direção errada. O *nifal* do verbo *hapak* referindo-se ao arco significa “entortar”, “falhar”. “O arco é instrumento pessoal de caça ou de guerra; o povo é como instrumento pessoal do Senhor: *tensará* (sic) *Judá, empunhará como arco Efraim* (Zc 9,13).”⁸⁴

Verso 58: As causas da irritação divina são os lugares altos ou os santuários cananeus de Baal ou Asera, os ídolos, *pesilim*, proibidos no Decálogo (Ex 20,4; Dt 5,8) e nas maldições (Dt 27,15).

Versos 59-64: Juízo divino: rejeição de Israel

59 *Deus ouviu e se enfureceu, rejeitou extremamente a Israel.*

60 *Abandonou a morada em Silo, estabeleceu uma tenda entre os homens.*

61 *Entregou ao cativo sua força e sua honra na mão do inimigo.*

62 *Entregou à espada o seu povo e enfureceu-se contra sua herança.*

63 *Um fogo devorou seus jovens e suas donzelas não receberam galanteios.*

64 *Seus sacerdotes caíram pela espada e suas viúvas não lamentaram.*

Por causa de sua infidelidade (v. 58), Israel foi rechaçado (v. 59). Isso causou a perda da Arca da Aliança (v.60), a dominação dos filisteus (v. 61-62), com a destruição, não só do povo, dos jovens e dos sacerdotes, mas também do santuário de Silo, que, como relembram Schökel-Carnitti, era “ponto de referência por sua sacralidade.”⁸⁵ Schökel-Carnitti são de opinião de que o salmista estaria refletindo sobre os fatos de 722 aC e apresentando-os na parábola de Silo, abrindo assim perspectivas de salvação para Judá, com o templo de Sião e a dinastia davídica.⁸⁶ “O exército é a força e o orgulho do soberano (v. 61).”⁸⁷ Note-se, nos versos 63-64, a correspondência entre moços / donzelas e sacerdotes / viúvas.

84. SCHÖKEL, L. Alonso – CARNITI, Cecilia. *Salmos II*, p. 1017.

85. *Salmos II*, p. 1017. A propósito, cf. Jr 7,12; 26,6, sobre a destruição de Silo. São escassas as informações sobre a destruição de Silo: 1Sm 4-5; a informação em Jr 7,12.14; 26,6.9. SCHÖKEL-CARNITTI perguntam se a morte de três sacerdotes e a tomada da arca justificariam a descrição do salmo (cf. op. cit., p. 1007).

86. Cf. *ibid.*, p. 1007.

87. *Ibid.*, p. 1017.

Versos 65-72: Novas e decisivas ações de Javé

- 65 *O Senhor se despertou como quem dormia, como um valente exultante⁸⁸ pelo vinho.*
- 66 *Feriu seus inimigos pelas costas⁸⁹, impondo-lhes uma vergonha eterna.*
- 67 *Rejeitou a tenda de José e a tribo de Efraim não escolheu,*
- 68 *mas elegeu a tribo de Judá, o monte Sião, que ama.*
- 69 *Construiu como [as] alturas⁹⁰ seu santuário e como [a] terra [que] alicerçou para sempre.*
- 70 *Escolheu Davi, seu servo, e tirou-o dos apriscos do rebanho;*
- 71 *De trás das ovelhas que amamentam⁹¹ levou-o, para pastorear Jacó, seu povo, e Israel, sua herança.*
- 72 *Apascentou-os com coração íntegro⁹² e com mãos destros⁹³ os guiava.*

Consideramos que estes versos constituam uma segunda parte do salmo, por causa da guinada de situação, ainda que o salmo pareça ser uma “crônica de morte anunciada”.

Verso 65-67: O relato destes versos conduz triunfalmente à eleição de Sião e de Davi (v. 68.70). A imagem de Javé que se desperta (v. 65) poderia ser alusão à concepção do culto cananeu sobre o sono da divindade.⁹⁴ O verso 66 trata da aniquilação dos inimigos, associada à rejeição da tenda de José (v. 67). É a anulação da prerrogativa do grupo de tribos da casa de José, que viviam na região central de Canaã.⁹⁵ As pretensões de liderança por parte do Israel do Norte caem por terra.

Versos 68-72: Temos aqui o duplo tema da eleição de Sião e de Davi. Segundo Kraus, estamos em terreno deuteronomista (conforme 1Rs 8,16: transferência da arca e dedicação do Ttemplo), com suas raízes numa festa cultural.⁹⁶ Portanto, o salmo desemboca numa tradição Davi-Sião, como ápice da ação salvífica de Javé para com seu povo. A exposição canônica da história da salvação termina com a entrada na terra de Canaã. O Salmo 78 acrescenta a tudo isso a eleição de Sião e a eleição de Davi, como interven-

88. Este participio hitpolel de *run* é raro. Há dúvidas sobre seu sentido: TEB: “reanimado”; SCHÖKEL-CARNITTI: “aturdido” Exultante?

89. Cf. 1Sm 5,6.

90. Este v. apresenta problema textual. Pode ter ocorrido um erro de copista, separando consoantes. SHÖKEL-CARNITI e WEISER lêem, como no SI 148,1, *bamromim*; “nas alturas do céu”.

91. O verbo ‘*alah* no participio plural fem. ‘*alot* significa “amamentar”, “criar”. No caso, “ovelhas que amamentam” (cf. Is 40,11).

92. Lit.: “com a integridade de seu coração”.

93. Lit.: “com as destrezas de suas mãos”. Entretanto, muitos mss e o S lêem o singular: “destreza”, “inteligência”.

94. Cf. 1Rs 18,27, em que Baal aparece como um deus adormecido, ou até morto, como o apresentam alguns textos ugaríticos (cf. nota w TEB, p. 532).

95. Cf. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*, p. 198.

96. Cf. *ibid.*, p.198.

ções fundamentais de Javé em favor de seu povo. Aqui, o salmista está enraizado na tradição de Sião.

Referências bibliográficas

- ALONSO SCHÖKEL, L. *Diccionario Bíblico Hebreo-Español*. Madrid: Editorial Trotta, 1994.
- ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos II* (Salmos 73-150). São Paulo: Paulus, 1998, pp. 995-1019.
- Septuaginta*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.
- Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Editio secunda emendata opera W. Rudolph et H. P. Rügel. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984.
- Bíblia de Jerusalém*. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson (Coord.). Nova ed. rev. amp. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada*. Trad. de João Ferreira de Almeida. 2^a. ed. rev. e atualizada no Brasil. SBB, 2001.
- Bíblia Tradução Ecumênica*. Gabriel C. Galache (Dir.). São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- BORTOLINI, José. *Conhecer e Rezar os Salmos: comentário popular para os nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2000.
- KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos* (Salmos 60-150). Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995, p. 181-199.
- NASUTI, Harry Peter. *Tradition history and the psalms of Asaph*. SBL Dissertation Series 88. Atlanta: Scholars Press, 1988, p. 81-93.
- WEISER, A. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p.402-410.